

# PARTICIPA

## DIA INTERNACIONAL DA MULHER

EDIÇÃO ESPECIAL





## HOJE NÃO É UM DIA DE FESTA

*Reflexões sobre o real significado do Dia Internacional da Mulher*

**.04**

## UNIDAS EM NOSSAS INDIVIDUALIDADES

*A importância do reconhecimento das diferenças entre as mulheres, e como a solidariedade faz diferença para a vida de todas.*

**.07**

## ENTREVISTA COM RITA SERRANO

*Representante dos empregados no CA fala sobre liderança feminina e equidade de gênero*

**.11**

## DONA CIDA CIPEIRA EM: MATERNIDADE E ENCARREIRAMENTO

*Convém questionar a pretensão no ambiente profissional?*

**.13**

## O EPISÓDIO DA DELEGACIA

*Corajoso relato de violência física e psicológica: até quando?*

**.15**

## UM NÃO-CONTO

*Crônica baseada em fatos reais descreve episódio de violência contra a mulher.*

**.20**

## ESTATÍSTICAS E INFORMAÇÕES RELEVANTES

**.24**



## EDITORIAL

Queridas(os) colegas,

Nessa edição repleta de força, inspiração e entrega, não há nada mais a dizer. Apenas o apelo à leitura consciente, o anseio por provocar a reflexão sem preconceitos, e o desejo de contribuir verdadeiramente com a transformação.

Feliz dia internacional da mulher!

Um abraço, e boa leitura!

Telma e Lilian





# HOJE NÃO É UM DIA DE FESTA

O dia 8 de março suscita emoções e pensamentos diversos, por vezes até contraditórios, em nós mulheres. Por um lado, o sentimento de força e superação, impulsionado pelas conquistas que as mulheres vêm alcançando ao longo do tempo. De outro, uma realidade de dor e sofrimento pelo que fomos submetidas para chegarmos até aqui. A data na qual celebramos nossa força é também a que lembra centenas de nós sendo queimadas na fábrica, por ousarem se rebelar em nome de melhores condições de trabalho.

E no bojo de todas essas emoções, uma pergunta ecoa: quanto ainda teremos de lutar pela tão almejada equidade de gênero?

Especificamente no mercado de trabalho, ainda há léguas a percorrer. Continuamos sendo ligadas a características como a docilidade e a sensibilidade e isso é usado contra nós para justificar a ausência em postos de liderança. E, em muitos casos, quando chegamos lá é preciso se "masculinizar" a fim de obter respeito. ►

**Somos a maioria absoluta dos trabalhadores vitimados por assédio sexual.**

Além disso, a maternidade continua sendo um obstáculo, reforçando o que alguns estudiosos chamam de "teto de vidro". Trata-se de um limitador invisível que barra a ascensão das mulheres a certos cargos. Ninguém fala dele abertamente, mas ele está lá nas seleções e entrevistas de emprego. Invisível, mas não imperceptível. Essa realidade é apontada em pesquisas que buscam entender por que, mesmo com maior nível de qualificação - como acontece no caso da categoria bancária - as mulheres são minoria absoluta em cargos de maior poder e remuneração.

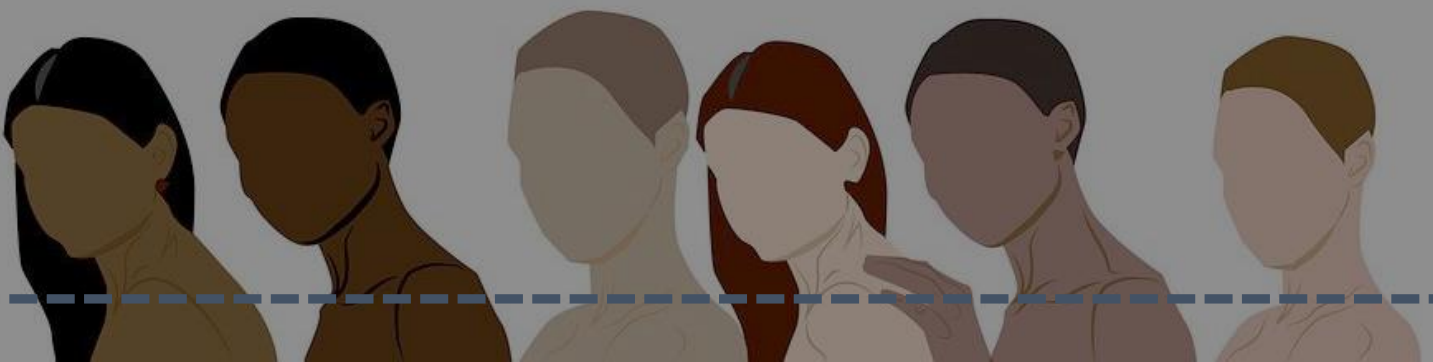
Sentimos isso na pele quando deixamos de ser promovidas ou perdemos uma oportunidade

após a licença maternidade, porque agora vamos colocar a família em primeiro lugar. Realidade nunca colocada para um homem, não importa quantos filhos ele tenha.

Uma coisa que chama a atenção é a negação do problema, mesmo entre as mulheres.

**Parte da razão para isso é que em nossa sociedade, fundada no mito meritocrático, é vendida a ilusão de que o esforço pessoal basta para alcançar o que se deseja. Os problemas sociais estruturais são colocados debaixo do tapete e tudo é atribuído ao individual.**

Sucesso e fracasso dependem tão somente de você. Entretanto, não é necessário descer muito fundo ao problema para entender que não é bem assim. ►



No caso da questão de gênero, é sempre necessário ressaltar que **a configuração social patriarcal do Brasil determina de modo contundente o papel que as mulheres devem desempenhar e vencer tal determinação exige de nós um esforço contínuo.**

Mas, guerreiras que somos, a história mostra que nunca aceitamos essa subjugação sem luta.

**Somos resiliência. Mais ainda: somos RESISTÊNCIA e AÇÃO.**

Com toda opressão e violências físicas ou simbólicas, existe também a história de mulheres que foram à luta e conseguiram vencer preconceitos e injustiças. Teimamos e hoje estamos em todos os espaços públicos exercendo todos os papéis.

É um caminho tortuoso, cheio de avanços e retrocessos oriundos de múltiplas determinações sociais, culturais e econômicas.

Caminho longo, mas que continuará a ser trilhado com perseverança por mulheres e homens que entendem que não haverá justiça social enquanto o gênero significar hierarquização de qualquer natureza.

**Celebremos então o 8 de março como dia de luta, dia de reflexão. Mais um dia em que as mulheres levantam da cama e vão transformar o mundo. ■**



## **SOBRE A AUTORA**



ANABELE CRISTINA SILVA é empregada CAIXA há 15 anos, atualmente lotada na CEGOV. Graduação em Comunicação Social (UFPE) e Ciências Sociais (UnB), é mestra em Política Social (Unb). Militante dos direitos humanos e sindical já ocupou cargos no Sindicato do Bancários em PE e na FENAE.



**PARTICIPA**



# **UNIDAS EM NOSSAS INDIVIDUALIDADES**

*A importância do reconhecimento das diferenças entre as mulheres,  
e como a solidariedade faz diferença para a vida de todas.*



A data de 8 de março foi estipulada como dia internacional da mulher pela Organização das Nações Unidas, na década de 70. A intenção da comemoração é homenagear uma série de mobilizações, comícios e greves realizadas por mulheres que reivindicavam igualdade salarial e melhor condições de trabalho nas décadas finais do século XIX.

A partir do século XX, a ampla mobilização de mulheres organizadas e combativas reivindicando pautas que diziam respeito a experiência de ser mulher foi chamada de feminismo. Para muitas e muitos de nós a história do feminismo coincide com a história de luta das mulheres trabalhadoras brancas (europeias, norte-americanas ou australianas), que colocavam em pauta questões específicas de suas experiências. Essa é uma história do feminismo; mas não a única.

**É importante começarmos a trazer o plural quando falamos de feminismo(s) – pois não existe uma experiência única de ser mulher.** Esse é um ponto que, talvez por parecer óbvio, não é levado em consideração o tanto quanto deveria. É foi justamente no lugar da diferença, e a partir dela,

que surgiu um conceito importantíssimo para o feminismo e para as Ciências Sociais como um todo: **a interseccionalidade.**

O conceito, criado pela professora estadunidense Kimberlé Williams Crenshaw, consiste no reconhecimento de que diferentes marcadores sociais (raça, gênero, sexualidade, etc) se relacionam entre si e promovem diferentes níveis de experiências em sociedade para um mesmo indivíduo. Crenshaw, intelectual negra, forjada pela experiência da dessegregação racial na sociedade norte-americana, especialista nos estudos de gênero e de raça, chegou a essa conclusão ao escutar a história de uma mulher que não conseguiu um emprego.

A história foi a seguinte: uma mulher negra, com currículo coerente à vaga que disputava, não foi contratada e entrou na justiça contra a empresa por discriminação. O juiz não lhe concedeu a vitória no processo uma vez que constatou a existência de pessoas negras e de mulheres na equipe da empresa. A questão é que todas as pessoas negras eram homens e todas as mulheres eram brancas. ►



Daí a ideia de intersecção. Problemas sociais originados por estruturas de opressão, como o machismo, não afetam de maneira homogênea o grupo alvo desta opressão. O ponto de partida deve ser sempre a experiência daquele indivíduo e as experiências às quais ele está submetido por ser quem é.

Nós somos todas atravessadas por diferentes marcadores sociais que nos submetem às mais variadas experiências. **Uma mulher negra vai vivenciar os efeitos do racismo e do machismo – não como coisas separadas, mas como estruturas que interagem entre si e conformam a experiência de ser uma mulher negra em determinada sociedade. Uma mulher lésbica ou bissexual vai experienciar a interação entre machismo e homofobia, uma**

**mulher pobre vai experienciar a interação entre o elitismo e o machismo, uma mulher com deficiência vai experienciar a interação entre o machismo e o capacitismo, e por aí vai.**

Parece algo simples, mas a potência disso para o avanço na luta das mulheres é perceptível. A exemplo da interseccionalidade, a produção intelectual de mulheres negras sobre o machismo e o racismo lançaram luzes valiosas para a compreensão desses fenômenos – luzes essas que só foram possíveis devido à experiência de mulheres diferentes daquelas originalmente homenageadas pelo 8 de março. Não é à toa, por exemplo, que no Brasil comemoramos também o Dia da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha no dia 25 de julho. ►



A potência da interseccionalidade está em delinear as diferentes formas de ser mulher, os diferentes desafios de ser mulher e, principalmente, as diferentes necessidades que temos por sermos as mulheres que somos. Para que aquilo que nos une de fato nos fortaleça, é necessário reconhecermos as nossas diferenças. Crenshaw afirma que o mais importante dessa forma de olhar para a realidade é a capacidade de enquadrarmos devidamente aquilo que estamos combatendo (no inglês, a palavra que ela usa é *frame*). Segundo ela, é difícil solucionarmos problemas quando não vemos os problemas. E ao pensarmos em um só feminismo ou n'uma mulher, no singular, deixamos de enxergar outras estruturas de opressão que atravessam outras de nós.

A interseccionalidade nos permite uma cacofonia de vozes e de pauta. Além de nos levar ao reconhecimento da diversidade

entre nós, possibilita a criação de laços de solidariedade entre mulheres. Particularmente, gosto do termo solidariedade, pois denota a ideia de ação, algo a ser construído em direção ao outro. Seria ingênuo, e um tanto quanto essencialista, pensarmos que esses laços de solidariedade surgiriam simplesmente por sermos mulheres, em especial quando tomamos por uma só a luta das mulheres.

A interseccionalidade, portanto, é mais do que uma metodologia de análise criada por uma intelectual negra – o que já é grandioso. A internalização deste conceito deve ser usada como uma lente, para olharmos para as outras mulheres e nos reconhecermos em nossa diferença. É a partir dessa visão, enfim, que conseguiremos vislumbrar de forma concreta e realista pelo quê precisamos lutar, de forma solidária, enquanto mulheres diferentes. ■

## SOBRE A AUTORA



**BIBIANA ROSA** é professora de História, formada pela Universidade de Brasília e mestre em Ciências Sociais (ELA – UnB). Militante feminista e pela educação pública de qualidade. Esposa do empregado Caixa João Victor de Oliveira Gomes, lotado na GEHAJ.



DANI ENTREVISTA:

# RITA SERRANO

*Nesta edição especial ao Dia Internacional da Mulher, entrevistamos a conselheira Rita Serrano, representante dos empregados no Conselho de Administração da CAIXA.*



**CIPA: Rita, boa tarde! Seja muito bem-vinda à edição especial da Revista PartiCIPA. Sob o enfoque dos desafios da mulher em nossa sociedade, contem-nos um pouco sobre você, sobre sua formação e trajetória profissional e como galgou esse cargo tão representativo que é ser Conselheira eleita pelos empregados para o Conselho de Administração da CAIXA?**

RITA: Em primeiro lugar, quero agradecer o convite da CIPA Matriz para essa entrevista. A CIPA foi a primeira experiência no Brasil (1944) de atuação dos trabalhadores junto a gestão das empresas. Fico muito feliz quando temos colegas trabalhando para a melhoria das condições de trabalho.

Sou empregada da Caixa desde 1989. Nesses 32 anos de banco, ocupei várias funções. Tenho mestrado em Administração, graduação em História e Estudos Sociais, e especialização em Governança Corporativa para conselheiros.

Minha trajetória de vida sempre foi focada na atuação do movimento sindical e social. Fui a primeira mulher a presidir o Sindicato dos Bancários do ABC, entre 2006 e 2012. Atualmente, coordeno o Comitê Nacional em Defesa

das Empresas Públicas, que lançou a campanha “Se é Público, é para todos” no Brasil e em encontros internacionais de bancários. Sou conselheira fiscal da Fenae. Autora de livros e artigos, entre eles: “Caixa, banco dos brasileiros” de 2018 e coautora de “A era Digital e o Trabalho Bancário” de 2020. Pretendo lançar mais um livro ainda neste ano.

Minha eleição para o Conselho de Administração (CA) foi consequência da atuação que sempre tive nas batalhas em defesa da Caixa Pública, por condições de trabalho dignas para os empregados e na relação de diálogo com colegas e entidades.

**CIPA: Quais as principais barreiras que as mulheres enfrentam no ambiente corporativo para alcançarem os “altos escalões” e como enfrentou esses desafios?**

RITA: Para termos ideia das discrepâncias de gênero no mundo corporativo, no Brasil, somente 12% de mulheres ocupam cargos em conselhos de administração. Na Caixa, somos 2 mulheres de 8 conselheiros. Na carreira do banco, temos 28% de mulheres em cargos de chefia, 45% em função gerencial. ►

As barreiras são muitas. Mesmo as mulheres tendo maior grau de escolaridade, acabam preteridas na hora da seleção. Um dos motivos é a falta de uma política efetiva de equidade de gêneros, de equiparação salarial. Outro fator é **a cultura machista que domina a sociedade e que continua deixando a mulher como principal responsável pelos afazeres domésticos.** Segundo pesquisa do IPEA, elas trabalham 7,5 horas por semana a mais que os homens em casa.

Enfrentei essas dificuldades e outras, já que minha família é de origem humilde. Desde muito nova tive claro que nada seria fácil e, sendo mulher, o esforço seria dobrado. Então, me dediquei a estudar, aceitar desafios, me impor e persistir. **A teimosia é essencial.**

Mudar esse estado de coisas passa pela conscientização de que um mundo justo e de paz, só será possível se houver respeito as diferenças. Igualdade traz felicidade.

**CIPA: Sabemos que por muito tempo você foi a única mulher no Conselho de Administração da CAIXA. Como você descreveria sua participação nesse**

**período? Acha que em algum momento o fato de ser mulher, lhe impediu ou prejudicou nas suas ponderações/opiniões/votos?**

RITA: Ser minoria não é fácil. Sou a única empregada da Caixa, na maioria das vezes, a única com voz destoante e, durante muito tempo, a única mulher no CA. A pressão é grande. Precisa ser resiliente, ter foco, qualificar a discussão. Nunca permiti que isso me intimidasse. Sei do meu papel e da responsabilidade que carrego ao representar os trabalhadores e entidades.

**CIPA: Qual conselho você daria às mulheres que buscam ascensão profissional e se sentem tolhidas exatamente pelo fato de serem mulheres?**

RITA: Eu diria para não desistir, não baixar a guarda. A cultura da “meritocracia” impõe o conceito de que ascensão ou não na carreira tem caráter individual, você pode ser um fracassado ou vitorioso, mas isso não é verdade. **Como os números mostram, não falta mérito as mulheres. Falta respeito e igualdade de oportunidade.■**



A seção DANI ENTREVISTA é produzida pela colega Daniela Santos, empregada CAIXA há 5 anos e atualmente lotada na GEREM. Graduada em Administração e pós-graduada em Gestão de Projetos.





# Dona Cida Cipeira

em:

## Maternidade e Encarreamento

- Alô, coleguinhas! Vocês ainda não me conhecem, eu sou a Dona Cida Cipeira, e agora estarei sempre aqui com vocês! Vamos falar abertamente sobre aquelas coisinhas que a gente conversa baixinho tomando um café, olhando para os lados pra ver se alguém está escutando... mas que queria FALAR GRITANDO! **E hoje o tema é ser mãe (ou não), e ser profissional.** Que mulher nunca foi questionada sobre a decisão pela maternidade?

Apesar de ser prática comum, há pistas sobre a inadequação do questionamento, em especial quando o assunto é levantado em âmbito profissional. A gente percebe, né?

Em regra, perguntas feitas à uma candidata em entrevista devem se referir a fatores que são importantes para o exercício da profissão. Quando bem elaboradas, são capazes de extrair informações valiosas sobre o potencial da profissional que se apresenta!

Apesar de argumentos como: “a depender da especificação da atividade, a vida pessoal poderá sofrer impactos, caso haja necessidade de ajustes para viagens ou jornadas prolongadas”, acreditem: perguntas pessoais com caráter classificatório ou eliminatório NÃO SÃO legais. E não sou só eu que estou dizendo... há muitos trabalhos na internet elencando posicionamentos de recrutadores, advogados e trabalhadoras sobre o tema.

- A intensão aqui é refletir o quanto este questionamento pode ser capaz de violar a vida íntima da mulher e reproduzir padrões que mantêm as mulheres em posição desfavorável. Além disso, cria dúvidas sobre decisões que não cabem ao ambiente profissional, ameaçando escolhas frente a necessidade do trabalho ou ascensão profissional. ►

Algumas vezes, o questionamento é feito hipoteticamente, sobre a pretensão futura de ter filhos, o que torna a pergunta ainda mais invasiva. A decisão ou momento de vida em que a mulher está em relação à maternidade é algo que se refere SOMENTE A ELA, que decide compartilhar, ou não, com pessoas de seu círculo afetivo.

Entre a pergunta e a resposta, várias histórias pessoais e vias de sentimentos são percorridas. Já conheci mulheres que têm a resposta na ponta da língua e não se ofendem pela pergunta. Outras, fazem tentativas de fertilização e, por isso, o questionamento fere. Há aquelas que possuem condições de saúde que comprometem a possibilidade de uma gestação saudável. Muitas pensam que a questão é muito mais complexa e abrange reflexões sobre o real papel da mulher na sociedade. Vejam que são muitos caminhos e, obviamente, não são estas todas as possibilidades de pensamentos e sentimentos existentes.

É preciso conscientizar os trabalhadores sobre a inadequação deste tipo de questionamento no meio profissional. Busquemos evoluir discursos e fazer perguntas que demonstrem respeito e engajamento pela equidade de gênero. Não apenas referente ao tema maternidade, mas sobre a autonomia da mulher para decidir sobre suas próprias questões e não ter de dar explicações e apresentar defesas e justificativas a todo instante.

**Vale lembrar que perguntas dizem muito mais sobre quem as faz do que a quem é feita. Neste contexto, reflète muito sobre o posicionamento do questionador e sobre como ele percebe a mulher a sua frente. Gestores e candidatas: vamos evoluir! Já passou da hora, né? :’\* ■**

*Uma amiga de Dona Cida Cipeira foi questionada sobre a maternidade previamente à sua participação em PSI e sentiu-se desrespeitada. Ela preferiu cancelar a MIP, com receio de estar pleiteando uma função em unidade sob gestão sexista. Ela pediu a Dona Cida que compartilhasse reflexões sobre esse questionamento inoportuno.*

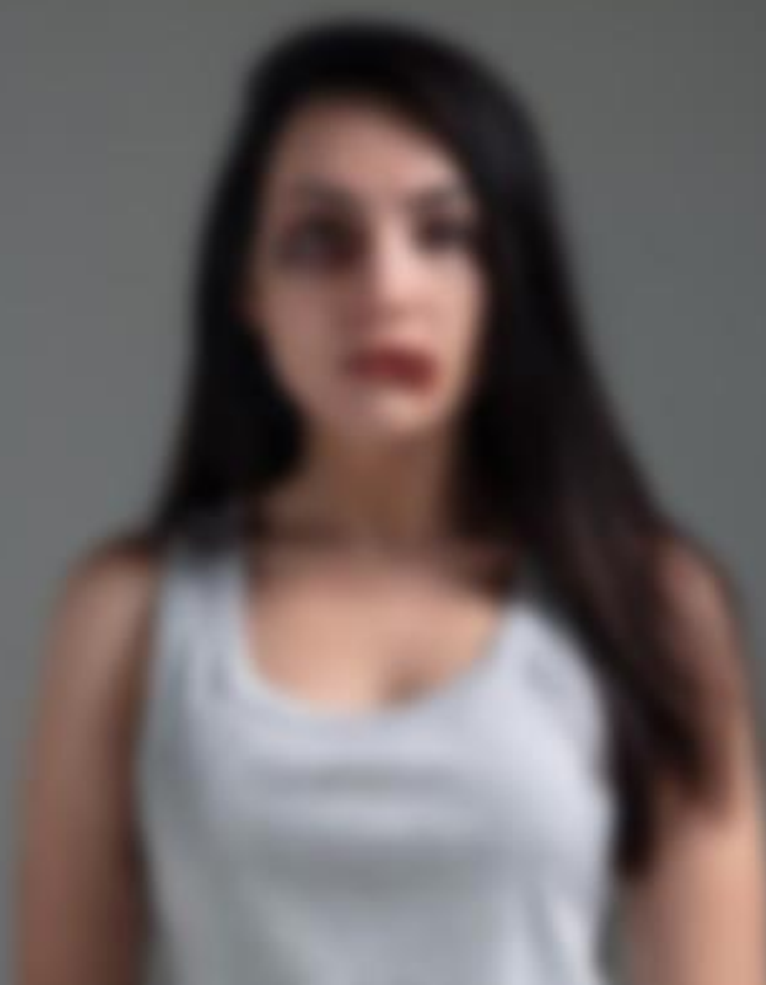


**DONA CIDA CIPEIRA** é um personagem fictício, mas estará aqui falando de temas reais. Se quiser que Dona Cida aborde algum assunto aqui, encaminhe mensagem para a caixa postal CIPADF1, e fique tranquilo: Dona Cida Cipeira sabe a importância de não revelar suas fontes!



# O EPISÓDIO DA DELEGACIA

Hoje, vou contar o episódio da delegacia. Eu chamava de “episódios” os eventos de violência que sofria em um relacionamento abusivo. Não sabia que estava em um e naquela época, apesar de não ter tanto tempo, falava-se muito menos este termo. Hoje, apesar do auge da informação, a nossa cultura ainda fomenta a perpetuação da violência e continua sendo difícil se identificar em um relacionamento abusivo. Neste relato, talvez, seja possível compreender. ►



Comecei a me relacionar com uma pessoa com hábitos, até então, normais. Homem, 7 anos mais velho, trabalhador, amante de futebol e bebia aos finais de semana. Algumas vezes bebia um pouco mais e agia estranho, mas “tudo bem”. Eu comentava com as pessoas o que via e ouvia durante os episódios de embriaguez e era comum ouvir: “é normal, você que é certinha demais”. Eu achava estranho, indagando quão “normal” era beber e maltratar pessoas, falando atrocidades. Todas as respostas que recebia eram iguais: é normal. Aquilo nunca me pareceu normal. Eu tentava escutar a voz interior que me alertava, mas todos reforçavam que não havia nada errado...com ele. Segui adiante. Afinal, ele era um cara bacana, alegre, animado... só não era tão legal quando bebia. Geralmente, no dia seguinte, dizia não se lembrar de nada e voltava a ser mil amores. Isso me deixava muito confusa.

Vou pular para a parte mais difícil da conscientização do abuso, que gerou o episódio mais dramático, solitário e decisivo da minha vida.

Era 15/06/2013, 15 dias após nossa cerimônia de casamento e 7 após o retorno da lua de mel. Fomos ao aniversário de 1 ano da sobrinha dele.

Muita festa, animação...bebida! Voltei dirigindo e dei carona para outras pessoas. Durante todo o trajeto essas pessoas presenciaram um pouco do que eu ouvia durante os episódios de embriaguez. Ninguém disse nada, afinal, em briga (digo, abuso) de marido contra mulher, ninguém mete a colher.

Chegamos em casa. Ele andava para lá e para cá, desequilibrado, murmurando coisas horríveis e sem sentido. Falou palavras fortes, xingamentos, e agia diferente. Ele sempre falava coisas perturbadoras, mas nunca xingava. O que mudou? Peguei o celular para tentar filmar, afinal, no dia seguinte, ele não lembraria das palavras e gestos. Tentei fazer disfarçadamente, mas ele percebeu. Não sei se notou que eu tentava filmar ou se achou que eu ligaria para alguém.

Me atacou! Agarrou meus braços e me empurrou contra a parede. Caí e bati a cabeça na estante. Ao chão, olhei para ele, em pé a minha frente. Vi a mão fechada, pronta para golpear. Não resistiria àquela força. Pensei: vou morrer! Apaguei! ▶





Não sei o que aconteceu, quanto tempo se passou, se minutos ou milésimos de segundos, mas logo estava consciente novamente. Corri para o quarto e tranquei a porta. Sentei-me na cama, não estava entendendo o que estava acontecendo. Coração batendo forte, medo e cabeça girando... Pensei: Isso é violência doméstica? Não, claro que não! Era outra coisa... não sei o que, mas não isso. Não conseguia admitir que estava passando por essa situação. Com medo, esperei. Ele estava na sala, mas já não fazia tanto barulho. "Deve estar sonolento. Daqui a pouco ele dorme. É só eu esperar". Enquanto isso, os pensamentos: O que eu faço? Acho que ele não me deu aquele golpe... deve ter batido a parede, não foi em mim... ainda estou viva. E se eu for à delegacia? Eles vão rir de mim... não tenho olho roxo, como nas campanhas contra violência doméstica.

Lembrei de uma história que o padre contou no curso de noivos, em que a noiva foi agredida pelo noivo na noite de núpcias. Conteí essa história a ele alguns dias antes. Quais seriam as chances dele estar testando meus limites, inspirando-se neste fato? Não era uma hipótese absurda. Suas falas perturbadoras agora, somadas aos xingamentos e a postura violenta, me fizeram acreditar nisso.

Podia estar achando que após o casamento estaria livre para exercer seu machismo brutal sem contestações. E foi essa história, fresca na memória, que me motivou a tomar a decisão.

Ele dormiu, estava deitado em um colchão no chão. Corri, peguei a chave do carro e fui à delegacia, à menos de 2 minutos de casa.

Cheguei muito assustada, não sabia o que dizer. Sentei-me em frente ao policial. Estava muda.

- Moça, o que aconteceu? - perguntou o policial.

Assustada, disse que não sabia o que estava acontecendo. Pedi desculpas, pois não queria atrapalhar o serviço deles. Foi quando o policial perguntou se eu havia sido agredida.

- Por que você acha isso? - perguntei.

- Você está muito machucada.

Olhei para ele extasiada e questionei se estava mesmo machucada, e ele continuou:

- Tente olhar para você, olhe seus braços... você está muito machucada. ▶



Olhei para ele extasiada e questioneei se estava mesmo machucada, e ele continuou:

- Tente olhar para você, olhe seus braços... você está muito machucada.

Enquanto eu olhava para meus braços e via que estavam roxeados e arranhados, ele perguntou:

- Ele te bateu no rosto?

Coloquei as mãos sobre meu rosto e disse:

- Não. Não sei... não consegui ver. Bati a cabeça na estante, acho que perdi a consciência por alguns segundos.

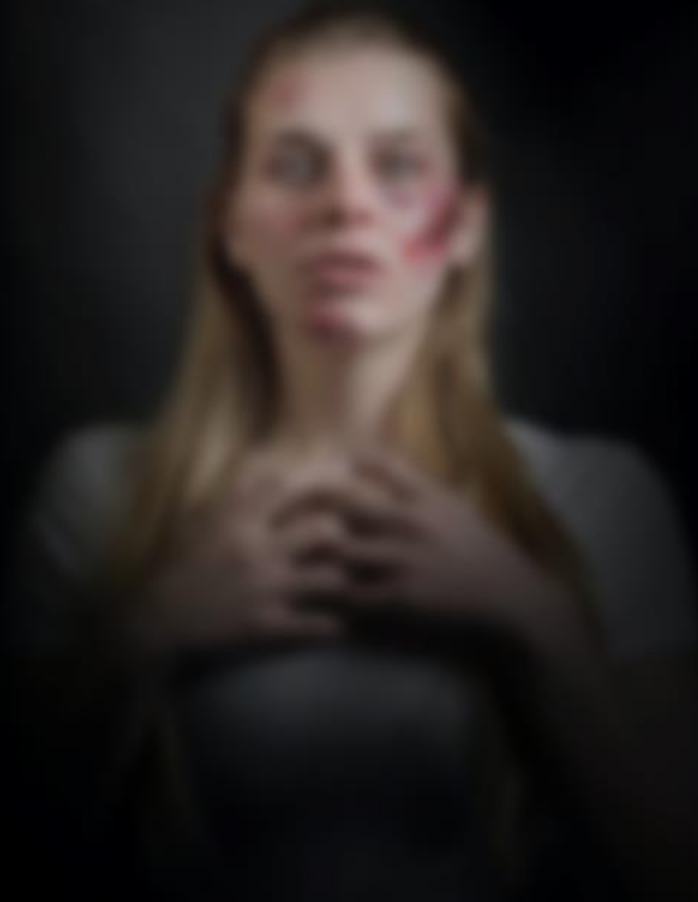
- Moça, ele te bateu - disse o policial.

Chorei, chorei muito... Não podia ser. Como isso podia estar acontecendo?

- Atendo mulheres aqui todos os dias, contando a mesma história. Hoje, antes de você, a mulher tinha 55 anos, sofria violência há pelo menos 20. O marido dela também só agride quando está bêbado. Eles violentam, agredem e matam, justificando-se pela bebida, mas sabem o que estão fazendo. No dia seguinte dizem que não se lembram, são muito amorosos e prometem que nunca mais vai acontecer. Você acredita, afinal, ele é uma pessoa boa e todos ao seu redor confirmam isso. Afinal, a violência doméstica é “normal” e todos dizem que “casamento é assim mesmo”.

Fiquei em choque. Parecia que ela falava especificamente da minha vida, respondendo às minhas indagações, reproduzindo as falas das pessoas e narrando todos os demais episódios de abuso emocional e psicológico que eu sofri. Todos ali sabiam o que estava acontecendo comigo e como seria minha vida nos próximos 20, 30 anos, se houvesse um futuro com ele.

Pela primeira vez, sobre este assunto, me senti ouvida. Sim, em uma delegacia me senti ouvida. Significava que minha suspeita nunca esteve errada. Aquela voz que me alertava estava certa, contrapondo ao que todos diziam: “é normal, você que é muito certinha”.▶





O policial que iniciou meu atendimento disse:

- Precisamos concluir o flagrante.
- O que?
- Nós precisamos ir à sua casa. Seu marido será preso.

Choro, muito choro... Memórias do altar da igreja, dos convidados, da festa e a imagem da agressão e da delegacia se misturando na minha cabeça. Enquanto divagava sobre como tudo aquilo estava acontecendo, respondia perguntas:

- Tem cachorro, arma ou faca afiada de fácil acesso na cozinha? Qual a estatura e peso aproximados? Faz artes marciais? Vamos, você precisa abrir a casa. Não se preocupe, você está fazendo a coisa certa. Te levaremos para exames, não ficará sozinha, mas antes precisamos dar o flagrante.

Mostrei o caminho. Abri a casa. Eram três ou quatro homens muito grandes, armados, profissionais. Uma operação policial dentro da minha casa. Vistoriaram tudo rapidamente e abordaram o “sujeito”, chamando-o pelo nome. Ele estava completamente embriagado, não respondia.

Eles o despertaram. Parecia não entender o que estava acontecendo, mas só parecia. Antes de entrar no

camburão da polícia, algemado, teve bastante força e consciência para gritar meu nome seguido de “SUA FILHA DA PUTA”.

O episódio da delegacia não acaba aqui. Outras minúcias, memórias e traumas estão arquivados em minha mente, em minha história, nos registros policiais e no dia a dia. Quem vivencia a violência e, por meios diversos, consegue identificar, sobreviver e sair dela, vive essa história diariamente. Morre com as mulheres que são assassinadas dia após dia, sofre e chora as feridas de todas elas.

Atualmente, na rua, no mercado, no trabalho, em piadas e situações rotineiras, consigo com muita nitidez perceber a cultura do abuso. Dirão que é normal e existe uma estrutura social enraizada por trás deste pensamento. Mas é preciso entender que existem situações, falas e atitudes intoleráveis e que a violência, ao primeiro sinal, deve ser completamente responsabilizada e corrigida.

Ainda tenho medo, ainda me sinto pequena diante destes padrões. A diferença é que aquela voz que me alertava ainda está presente e, agora, é sempre a primeira a ser ouvida. ■

Infelizmente, esta é uma história real. A autora do texto é empregada CAIXA, tem 35 anos. Sabemos que a estrutura social de que trata o texto é a mesma que culpabiliza as vítimas de violência doméstica. Por isso, a autora disponibilizou o relato para publicação de forma anônima.

# UM NÃO-CONTO

São 22h55. Eu disse que iria embora às 22h. *Não posso mais, preciso ir pra casa, amanhã preciso acordar cedo.* Estou bem, não está tão tarde, a melhor opção é mesmo pegar o carro, voltar pra casa e ir trabalhar amanhã normalmente.

Agora estou no Eixão, na pista do meio. De olho nos radares, não posso passar dos 80 KM por hora, por mais pressa que eu tenha de chegar em casa, por mais reta que seja a estrada. Um olho na pista, o outro nos retrovisores. Se eu vou a 80 KM, os outros não vão. Melhor dar passagem a quem aparecer.

Vejo as luzes de uma viatura pelo retrovisor. Me desloco para a pista da direita, tenho que deixar a polícia passar. A viatura também se desloca para a pista da direita e se aproxima do meu carro. Emite um som e pisca o farol. Paro meu carro no acostamento. Percebo a aproximação de um policial que em seguida solicita que eu saia do carro.

Documentos em mãos para apresentar, mas são mãos trêmulas. *Maldita carteira vencida! Por que eu não resolvi isso antes? Maldita burocracia! Maldito trabalho! Por que não consigo tempo útil para resolver as coisas da minha vida?* Tudo bem, será apenas uma multa, amanhã eu resolvo tudo.


O policial não está sozinho. Logo saem mais quatro de dentro da viatura. Agora são cinco policiais ao meu redor, em seus uniformes em tom de azul. Me perguntam onde eu estava, pra onde estou indo, onde trabalho. Me fazem uma série infinita de perguntas que eu já não entendo mais qual o motivo de eu estar parada aqui.

Um deles decreta: você não pode dirigir, está com a habilitação vencida. Eu não argumento. Contra fatos (e determinadas autoridades) não há argumento. Me desculpo, informo que vou estacionar o veículo e pedir um táxi.

Não, não posso. Não posso estacionar o veículo, informa o policial. Afinal de contas, a minha carteira de motorista está vencida, então eu não posso nem ao menos ligar o meu carro, ele diz. ►







Agora são 23h50. Eu não conheço ninguém na cidade. À essa altura, os cinco policiais já sabiam disso.

O PM que coordena toda ação diz que precisará rebocar o meu carro. Eu peço para estacioná-lo. Ele ri, alto. Não posso mais entrar no veículo, não tenho habilitação, ele diz.

Sinto a emboscada. Eles são cinco, são homens e estão armados. Não sei o que fazer. Digo então que podem rebocar o carro. As lágrimas começam a surgir sem controle e eu só consigo pedir desculpas.

Três dos cinco homens se aproximam ainda mais de mim, e me fazem perguntas constrangedoras. Por que estou na rua a essa hora? Moça de família não estaria. O que eu posso fazer para eles se esquecerem daquela situação? Eles dizem que só querem ir pra casa felizes, e riem.

Já não consigo emitir sons. Choro e percebo que não há saída. *Devo resistir? Devo sair correndo? Mas e se correrem atrás de mim?* Não há nada ao meu redor, apenas a pista, a grama, alguns postes de luz. Antes que eu consiga pensar em uma saída, surge meu salvador.

Soldado Rafael.

Ele diz para os outros policiais se afastarem de mim. Diz para pararem de me atormentar. Diz que resolverá tudo, que eu posso ficar tranquila.

Ele conversa com o grupo, baixinho, e segundos depois entramos no meu carro. Ele dirige, se dispõe a isso, para me ajudar. Estaciona o carro na quadra residencial mais próxima, ao lado do seu próprio carro. Pergunta onde moro, diz que mora próximo, pede desculpas pelo comportamento dos colegas e se oferece para me levar em casa. Afinal, eu não posso dirigir.

Eu me sinto imensamente agradecida. Aceito, entro no carro dele. *Por que diabos o carro dele está estacionado exatamente aqui?* ►

Soldado Rafael é simpático. Me faz várias perguntas, quer saber da minha família, da minha vida, do meu trabalho.

Agora já estou há poucos metros de casa, vejo o meu prédio e aviso que está quase chegando: "é aquele prédio ali, marrom e branco".

Ele diminui a velocidade e vira a primeira direita encontrada. É uma rua escura, Setor de Oficinas, são quase 02h da manhã.

Pergunto por que paramos. Ele diz que é para nos conhecermos melhor. Eu digo que preciso ir pra casa. Ele fala para eu ficar tranquila, que nada acontecerá comigo com ele por perto. Eu digo que não só preciso, mas que quero muito ir pra casa, e ele se irrita.

Está agora com uma arma na mão. Pergunta se eu já havia visto uma arma antes. Eu digo que não. Ele pergunta se eu quero segurar a arma. Eu digo que não. Ele pergunta se tenho vontade de atirar. Eu digo que não. Ele exhibe a arma pra mim, e diz que um homem é muito mais homem com 'uma dessas' na mão.

Eu silencio.

Ele projeta o seu corpo sobre o meu e coloca uma das mãos entre as minhas pernas. Eu viro o rosto, seguro a mão dele com força, peço que pare. Ele insiste. Eu peço por favor para que me deixe em paz, e tento abrir a porta. Está trancada. Ele ri.

Eu penso que deveria ter segurado a arma. Deveria saber como, e no instante que ele se projetasse sobre mim novamente eu poderia atirar.

Enquanto penso nisso, ele tenta de toda forma abrir minha calça jeans com uma das mãos, enquanto a outra empurra minha nuca com força em direção a sua pélvis. Eu forço meu pescoço para trás, tentando me afastar. Tenciono minhas pernas, uma contra a outra, tentando impedir que as mãos dele alcancem o objetivo. É uma luta desigual. Eu já estou exausta, consternada, quase imóvel. Me concentro para abstrair toda a violência daquele instante, e penso, penso, penso. Eu não sou mais forte do que ele. Eu não consigo escapar deste carro.

Eu estou completamente subjugada por essa criatura. *Não há como lutar.*

Uma de suas mãos está no meu seio, eu tento com todas as forças que me restam afastá-lo. Até que eu paro de resistir. Agora me sinto possuída por uma força maior, superior. Não controlo minhas ações. Não tento mais retirar suas mãos do meu corpo. Ao contrário, acaricio seus dedos e sorrio.

Ele paralisa e recua. ▶





Eu me sinto mais forte. *Ele recuou, não acredito.*

Eu olho em seus olhos e agradeço por ele ter me salvado das investidas dos outros policiais, que se não fosse a presença dele naquele momento, não sei o que teria sido de mim.

Ele continua paralisado. Mas diz que é 'bom mesmo' eu agradecer, que os seus colegas não eram tão pacientes quanto ele. Eu digo que preciso mesmo ir pra casa, e que era uma pena, pois estava adorando o nosso momento.

Ele se exalta, diz que eu estou tentando enganá-lo. Que ele não é idiota e que se eu estava pensando que poderia dominar a situação, eu estava muito enganada.

Eu o abraço (com ânsia de vômito). Meus gestos e palavras não são conscientes. Eu acaricio seu rosto, agradeço novamente. Peço que ele me deixe ir pra casa pois precisava ver meus filhos. Ele se assusta, diz que não sabia que eu tinha filhos, e que me levará imediatamente. Mas que ficasse claro, isso não terminaria por aqui, ele ameaça.

Cheguei em casa. São 03h10 da manhã. Meu marido está dormindo. Tomo banho, mas continuo me sentindo imunda. Deito ao lado dele, ele me abraça, mas eu me afasto. Me sinto mal. Talvez a culpa tenha sido minha.

Não durmo. Fecho os olhos, e seguro o choro. Soluço.

São 7h da manhã. Meu marido acorda. Me pergunta por que eu demorei tanto a chegar ontem. Eu digo que perdi a hora, que a noite tinha sido boa.

Não digo mais nada. Melhor guardar pra mim, o que aconteceu, aconteceu, nada vai mudar. Talvez ele não entenda. Talvez eu não tenha entendido. Me sinto imensamente culpada. Imersa em medo e constrangimento, determino: *eu nunca contarei nada a ninguém.* ■



*Este conto é baseada em fatos reais.*

## SOBRE A AUTORA



TELMA WEBER CIRINO é empregada CAIXA há 12 anos, atualmente lotada na GEHAF. Graduada em Direito, pela UFMG, pós-graduada em Gestão de Empreendimentos e Negócios Imobiliários.

# A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO DISTRITO FEDERAL\*

**POR DIA, 44 MULHERES SOFREM ALGUM TIPO DE AGRESSÃO NO DF.**

**39% DESSAS AGRESSÕES ENVOLVE VIOLÊNCIA FÍSICA, COMO LESÃO CORPORAL, TENTATIVA DE HOMICÍDIO, E FEMINICÍDIO.**

**97% DAS AGRESSÕES OCORRERAM NO AMBIENTE FAMILIAR DA MULHER.**

**EM 70% DOS CASOS DE FEMINICÍDIO NÃO HAVIA REGISTRO DE AGRESSÃO ANTERIOR.**

**EM 2021, HOUE O MAIOR NÚMERO DE DENÚNCIAS REGISTRADAS POR VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NOS ÚLTIMOS 12 ANOS.**

## DENUNCIE

Central de atendimento à mulher ► Ligue 180

Em caso de emergência ► Ligue 190 – PMDF

Delegacia Especial de Atendimento à Mulher – DEAM

EQS 204/205, Asa Sul, Brasília-DF

► Telefones: 3207-6172 / 3207-6195 / 98362-5673



## EQUIDADE DE GÊNERO NA CAIXA

Recebemos ano passado o **6º Selo do Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça**, iniciativa promovida pelo Governo Federal, que reconheceu as ações da CAIXA em prol da equidade de gênero e raça. O programa tem o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT), visando disseminar novas concepções na gestão de pessoas e na cultura organizacional para o alcance da equidade de gêneros no mundo do trabalho.

A CAIXA mantém o título de “Banco da inclusão”, não só com todo o povo brasileiro, mas também dentro de casa, com os próprios empregados. Confira alguns projetos que estimulam boas práticas de gestão e promovem a inclusão, a igualdade de oportunidades e a mitigação de todas as formas de preconceito e de discriminação:

Equidade de gênero, página que traz estratégias específicas do processo de Inclusão e Equidade relacionadas a gênero na CAIXA, dando destaque a liderança feminina, ao *Blog da Liderança feminina* e ao enfrentamento à violência contra as mulheres, que desencadeou na criação do Acolhe - Canal de Apoio às Empregadas em Situação de Violência Doméstica e Familiar, com o objetivo de oferecer acolhimento, escuta qualificada, informação e suporte às empregadas CAIXA, enfatizando os canais de denúncia existentes na empresa.

Diversidade Racial e Étnica, página que traz dados comparativos da distribuição funcional dos empregados por Raça/Cor.

Gerações, página que aborda a classificação das gerações observando não só os aspectos de idade, mas as relações com o trabalho e a utilização de tecnologias no entendimento dos diferentes pontos de vista presentes numa organização. Estimula a reflexão sobre a importância de desmistificar estereótipos, potencializando os pontos fortes de cada geração

Portal Pessoa com Deficiência, um portal completo que pode ajudar tanto o colega com deficiência como o seu gestor e pares contendo cartilhas explicativas, como ocorre o ingresso dos empregados PcD, as capacitações, ações e benefícios, os canais de atendimento para atendimento as demandas dos empregados com deficiência, normas, rodas de diálogo, medidas de apoio aos empregados que possuam dependentes com deficiência; enfim, um portal repleto de informações que podem facilitar o desempenho autônomo das atividades laborais pelos empregados com Deficiência na CAIXA e orientar todos aqueles que desejem maiores conhecimentos sobre este assunto.

O manual normativo RH 212 - Programa Inclusão e Equidade também traz informações importantes que norteiam esse tema. ■





**REVISTA PARTICIPA – Edição nº 4**  
**MARÇO – 2022**

**CONSELHO EDITORIAL**


Telma Weber Cirino  
Lilian Costa Santos  
Pamella Barbosa Silva  
Daniela Santos Araújo  
Janaína Veras Alves Santana  
Joao Manoel Bonilauri Charao  
Nathalia de Carvalho Colussi

**DESIGN E DIAGRAMAÇÃO**

Telma Weber Cirino

**FOTOGRAFIA**

Capa e Contracapa – Ezequixl Akinnewu

 [instagram.com/ezequixl](https://www.instagram.com/ezequixl)



Dúvidas, sugestões ou elogios,  
envie mensagem para a caixa  
postal CIPADF1